

30 MAI 1991

CORREIO BRAZILIENSE

DF educação

Cidades

# Escolas de lata serão extintas

As chamadas "escolas de lata", construídas em metal, estão com seus dias contados, e deverão ser completamente substituídas até o final do ano, juntamente com os turnos intermediários. A garantia foi dada ontem pela secretária de Educação, Stella dos Cherubins, ao comparecer ao Ministério da Educação para tratar de detalhes referentes ao repasse das verbas provenientes do convênio assinado no início desta semana entre o GDF e o Ministério, para construção e reforma das escolas da rede pública.

Stella explicou que as obras de substituição das escolas de lata por prédios de alvenaria fazem parte do convênio, e até o início do próximo ano letivo estarão todas concluídas. A secretaria, inclusive, iria realizar ontem uma visita por algumas destas escolas, mas teve que cancelar sua programação porque foi chamada com urgência ao Ministério da Educação para discutir os termos do convênio, que envolvem a verba total de Cr\$ 850 milhões, sendo Cr\$ 200 milhões do GDF e Cr\$ 650 milhões provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Segundo a secretaria, a carência atual de salas de aula atinge a marca das 250 unidades, e, na próxima semana, o governador Joaquim Roriz deverá autorizar a construção de 120 delas, com verbas advindas do próprio orçamento do GDF. Construídas entre os anos de 1983 a 1985, as escolas de lata não tiveram sua utilização aprovada, por absoluta falta de funcionalidade de suas instalações. Originariamente,

ERALDO PERES



As escolas de lata são consideradas impróprias, chegando aos extremos de calor e de frio, além do risco de incêndio

erguidas, em caráter emergencial e provisório, elas atualmente são em número de nove, sendo quatro funcionando de forma plena e cinco funcionando parcialmente, pois sofreram ampliações em alvenaria, e suas instalações de lata são utilizadas ocasionalmente. "Escolas Térmicas" — As escolas de lata foram um equívoco. Essa é a conclusão a que chegaram tanto a Divisão

de Engenharia da Fundação Educacional quanto os professores, que têm de conviver diariamente com os problemas causados pela sua falta de funcionalidade. Em uma delas, a Escola Classe 7, localizada na QE 38 do Guará II, o estabelecimento recebeu o apelido de "escola térmica", pois quando há frio todos ficam gelados, e quando é época de calor, a temperatura alta torna-

se insuportável no interior.

Segundo a professora Jerusa Souza Silva, que dirige a escola desde que foi inaugurada, "o barraco de madeira onde este grupo funcionava antes, localizado no antigo Guarazinho, era melhor". Ela aponta diversas falhas na obra, como a questão da falta de isolamento térmico, interferência na parte pedagógica, devido ao barulho provocado pelas chu-

vas no teto e pelos passos no piso, e a iluminação deficiente. "O mais perigoso, porém, é o risco de incêndio existente no material utilizado entre o teto e o forro, altamente inflável". Os colegas Cícero Lourenço Matos Barbosa e Joana Paula Siqueira Cordeiro, da 4ª Série "A", concordam com sua diretora, e se mostraram ansiosos pela construção de uma nova escola em alvenaria.

WALTER CARVALHO